

BREVES REFLEXÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS E LIVROS DIDÁTICOS: O CONTEÚDO DE HISTÓRIA MEDIEVAL¹

Luciano José Vianna

Professor Adjunto de História Medieval
na Universidade de Pernambuco (UPE) *campus* Petrolina
Professor Permanente do PPG
em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares
(PPGFPI - UPE)

E-mail: luciano.vianna@upe.br

Antonione Antunes dos Santos

Mestrando do PPG
em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares
(PPGFPI - UPE)

E-mail: antonione.santos@upe.br

Resumo

Uma das maiores dificuldades tanto de docentes quanto de discentes é a interpretação e assimilação dos textos presentes nos livros didáticos de História. Ponderando a importância da linguagem na construção do conhecimento, o presente estudo buscou realizar brevemente algumas reflexões sobre a questão da linguagem, para assim se aproximar a algumas questões sobre a situação do conteúdo de História Medieval contido nos livros didáticos. Além disso, também teve como objetivo analisar como este conteúdo pode ser explorado através do conhecimento sobre gêneros textuais. Para isso, utilizamos os seguintes referenciais para desenvolver nosso trabalho: Marcuschi (2005, 2008), Bakhtin (2003, 2011), Wittke (2012), Costa (2014), Wachowicz (2012), Sales (2016), Silva (2011) e Pereira (2017). Neste sentido, é importante o conhecimento sobre gêneros textuais para aplicá-los na utilização do conteúdo de História Medieval nos livros didáticos, tornando assim o aprendizado mais significativo para os discentes.

Palavras chaves: Gêneros textuais. Livro didático. História Medieval.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 16, n. 30, jan. - jun. 2022.

ISSN: 1982 -193X



BRIEF REFLECTIONS ON THE TEXTUAL GENRES AND TEXTBOOKS: THE CONTENT OF MEDIEVAL HISTORY

Luciano José Vianna

Professor Adjunto de História Medieval
na Universidade de Pernambuco (UPE) *campus* Petrolina
Professor Permanente do PPG
em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares
(PPGFPI - UPE)

E-mail: luciano.vianna@upe.br

Antonione Antunes dos Santos

Mestrando do PPG
em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares
(PPGFPI - UPE)

E-mail: antonione.santos@upe.br

Abstract

One of the mainly difficulties for both teachers and students is the interpretation and assimilation of texts presented in History textbooks. Pondering the importance of language in the construction of the knowledge, the present study highlights briefly about the question of language, in order to know some questions about the situation of the content of Medieval History in textbooks. In addition, it also aimed to analyse how this content can be explored through knowledge about textual genres. For this, we use the following references to develop our work: Marcuschi (2005, 2008), Bakhtin (2003, 2011), Wittke (2012), Costa (2014), Wachowicz (2012), Sales (2016), Silva (2011) and Pereira (2017). In this, the knowledge about the textual genres is important to apply to the Medieval History content in the textbooks, making a meaningful learning to the students.

Keywords: Textual Genres; Textbooks; Medieval History.

Segundo Bittencourt, em contextos passados, o livro didático era visto como uma produção relativamente pequena, e com pouca relevância cultural. Porém, a partir do momento que o visualizaram em uma perspectiva educacional, passou a ser aceito como um produto indispensável, de modo que foi possível “identificar a importância desse instrumento de comunicação, de produção e transmissão de conhecimento, integrante da tradição escolar há, pelo menos, dois séculos” (BITTENCOURT, 2004, p. 471).

Almeida (2010) escreve que o livro didático é considerado por muitos estudiosos da área educacional como um importante instrumento de educação. Em concordância, Sales (2016, p. 26) afirma que o “livro didático é um objeto pedagógico que influencia no processo de aprendizagem, pois, carrega em suas informações ideias, valores e representações de mundo que, muitas vezes, representam a ideologia da sociedade e o poder vigente”, questão reforçada por Albieri quando afirma que os livros didáticos representam “então uma das formas mais poderosas de publicação da História. Eles são responsáveis pela ideia de História que impregna o senso comum de uma cultura e de um povo” (ALBIERI, 2011, p. 21).

Neste sentido, é necessário, compreender a estrutura narrativa dos livros didáticos de História para que possamos utilizá-los em sua máxima potencialidade para o ensino:

Como qualquer texto historiográfico, o livro didático de história apresenta visão específica do passado, elaborada a partir de valores, intencionalidades e contextos sociais, culturais e institucionais dos autores. Assim, são imprescindíveis os esforços de compreensão dos critérios de seleção dos eventos narrados, da eleição de personagens e das próprias estruturas narrativas de tais livros. Portanto, o próprio livro didático deveria ser objeto de indagação, envolvendo os vários elementos que interferem na sua produção, circulação e consumo (SILVA, 2011, p. 11).

É importante salientar que o livro didático é um “depositório de conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador, privilegiado de conteúdos elencados pelos currículos” (BITTENCOURT, 2013, p. 72) atualmente estruturados de acordo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em suas versões para o Ensino Fundamental e Médio. Nessa perspectiva, o livro didático necessita ter padrões linguísticos que propiciem uma comunicação direta e clara para o receptor, nesse caso, o aluno. Por exemplo, ao tratar de um determinado tema, carece analisar a ordem dos conteúdos, os capítulos, os conceitos, as ilustrações, as imagens, os resumos, os objetivos, as atividades e outros aspectos, para que o conteúdo trabalhado consiga transmitir sua mensagem.

Segundo Silva:

O contato direto com diferentes referências documentais e a problematização da realidade estudada por meio de fontes de época, bem como a utilização de outros suportes pedagógicos, são espaços lacunares no ensino de História nas escolas. O uso exclusivo do manual escolar como recurso didático em sala de aula influi diretamente na vida dos alunos, significando, muitas vezes, a única referência histórica a que eles terão acesso. Tal prática educacional implica na reprodução de concepções e métodos de ensino pré-concebidos, sem levar em conta a necessidade de trabalhar com fontes diversificadas que podem e devem contribuir para a construção do conhecimento histórico (SILVA, 2011, p. 9).

É necessário destacar a especificidade do vínculo entre gêneros textuais e a construção do conhecimento histórico. O trabalho com diferentes fontes no ensino de História necessita, portanto, de um contato com diferentes gêneros textuais, e a utilização dos mesmos serve para a construção do conhecimento histórico dos futuros cidadãos, alunos da Educação Básica. Neste sentido, trabalhar com a diversidade de fontes no ensino de História significa proporcionar uma diversidade de pensamentos e significados.

Nesse ponto de vista, a escola desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo na condução de fazê-lo interagir socialmente e ao mesmo tempo transmitir o conhecimento, experiência e instrução. É preciso levar em consideração que a Escola objetiva formar indivíduos, livres, reflexivos, competentes e responsáveis com seus deveres e direitos. Para tal, Souza afirma que:

a Escola se estrutura como empresa - organização social que utiliza recursos para prestação de serviços; e como espaço educativo, que lança mão do conhecimento histórico-socialmente produzido para formar cidadãos aptos a desempenhar vários papéis sociais. Em ambas as situações, a escola utiliza os gêneros textuais como instrumentos de mediação entre a aquisição do conhecimento e as práticas sociais (SOUZA, 2008, p. 66).

O livro didático, objeto estruturado com normas específicas e que alimenta ideologias e valores, necessita ter padrões linguísticos que propiciem uma comunicação direta e objetiva para o receptor, nesse caso, os alunos. A análise da linguagem leva em consideração a legitimação de poder que os gêneros textuais exercem em diferentes perspectivas. De acordo Marcuschi (2008, p. 161), “os gêneros textuais são atividades discursivas estabilizadas que servem aos mais variados tipos de controle social e até mesmo o exercício do poder”.

De acordo com a BNCC, o trabalho com a disciplina de História é voltado para “indagar, identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas e saberes” (BRASIL, 2017, p. 397). Nesse processo, é importante que o professor e o aluno conheçam as diferentes linguagens e narrativas presentes no livro didático, pois, “o ensino de história está condicionado aos *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 16, n. 30, jan. - jun. 2022.* ISSN: 1982 -193X

processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto” (BRASIL, 2017, p. 398).

Em se tratando de temporalidade, o Medieval é considerado, tradicionalmente, um período muito distante da nossa contemporaneidade, apresentando, na visão do grande público, pouco (ou até mesmo nenhum) vínculo com os tempos contemporâneos. Tal percepção faz com que ainda permaneçam a circulação de diversos estratos historiográficos sobre o período, ou seja, diferentes interpretações historiográficas sobre o Medieval. Como consequência, isso faz com que temas relacionados ao mesmo sejam interpretados de forma equivocada e se reproduzam nos meios de comunicação, no mundo virtual e também entre o grande público e, muitas vezes, chegando até mesmo no contexto escolar e presente nos livros didáticos. Nesse contexto, e na perspectiva dos livros didáticos, Mirtes Emília Pinheiro afirma que:

Os manuais didáticos ganharam imensa relevância, sobretudo se pensarmos que há localidades em que ele é o único material disponível e acessível para o conhecimento escolar, fazendo com parte significativa dos professores de educação básica elabore seu plano de aula em cima do que é (re)transmitido através dele. Por esse enfoque, o livro didático interfere direta ou indiretamente na prática docente em sala de aula, direcionando-a ao que se refere à definição dos conteúdos que são trabalhados em sala de aula e até mesmo à escolha das atividades de aprendizagens e avaliações (PINHEIRO, 2021, p. 22).

Devido a este caráter em ser o único material didático disponível para o público escolar, conhecer a forma como está estruturado em termos de gêneros textuais é imprescindível para que a sua utilização possa ser realizada de forma significativa no contexto do ensino de História e de forma específica no âmbito do ensino de História Medieval. Assim, o próprio leitor, em especial o professor de História, pode observar como a História Medieval está sendo transmitida nos livros didáticos, a fim de perceber equívocos, termos pejorativos e usá-los para proporcionar uma leitura crítica e reflexiva com os alunos.

O livro didático como suporte dos gêneros textuais

Podemos dividir a linguagem em linguagem verbal e não verbal, no qual a primeira utiliza palavras, seja ela escrita ou falada, e a segunda gestos, olhares, imagens etc., desde que transmita alguma mensagem.

Sobre este tema, a BNCC cita que:

as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais morais e éticos (BRASIL, 2017, p. 63).

De acordo Bakhtin (2011, p. 261) a linguagem está inteiramente “ligada aos diversos campos da atividade humana”. Ao utilizar a língua, o sujeito interage e compartilha mensagens entre interlocutor e receptor, no sentido de que a própria linguagem é a percepção humana pela qual os seres humanos se comunicam e interagem uns com os outros. Ainda seguindo o pensamento de Bakhtin (2011), este autor caracteriza os fundamentos básicos da linguagem atrelados ao conceito de gêneros textuais com base na organização das atividades humanas. Para Luiz Antônio Marcuschi (2005, p. 19) os gêneros textuais “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”.

Nesse sentido, Wittke (2012) afirma que:

O gênero textual refere-se aos diferentes formatos que o texto assume para desempenhar as mais diversas funções sociais, ressaltando suas propriedades sociocomunicativas de funcionalidade e de intencionalidade. Nesse domínio, são artefatos culturais historicamente construídos e usados pelo homem. Eles apresentam diferentes caracterizações, com vocabulários específicos e empregos sintáticos apropriados, em conformidade com o papel social que exercem. Sob tais condições, compete ao professor (...) criar oportunidades para que o aluno estude (lendo, desconstruindo, analisando e reconstruindo) os mais diversos gêneros textuais, sua estrutura e funcionalidade, para que se torne capaz não só de reconhecê-los e compreendê-los, mas também de construí-los de modo adequado, em seus variados eventos sociais (WITTKÉ, 2012, p. 21).

Em termos documentais institucionais recentes, devemos recordar que este processo dialoga com a competência específica de Ciências Humanas para o ensino fundamental número 7 na BNCC:

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão (BRASIL, 2017, p. 355).

A versão final da BNCC define linguagem igualmente aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998), ou seja, como “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20). Desse modo, espera-se que os gêneros textuais/discursivos sejam trabalhados em todas as disciplinas e em todos os materiais didáticos nos diferentes campos de atividade humana:

Analisar a circulação dos gêneros do discurso nos diferentes campos de atividade, seus usos e funções relacionados com as atividades típicas do campo, seus diferentes agentes, os interesses em jogo e as práticas de linguagem em circulação e as relações de determinação desses elementos sobre a construção composicional, as marcas linguísticas ligadas ao estilo e o conteúdo temático dos gêneros (BRASIL, 2017, p. 72).

Percebe-se que a utilização dos gêneros textuais não está restrita somente ao ensino de língua portuguesa. Com isso, está nítido que para uma melhor compreensão dos conteúdos trabalhados nos livros didáticos de História e, em nosso caso específico, sobre o conteúdo de História Medieval, é necessário conhecer os gêneros textuais a serem utilizados tanto na proposta dos livros quanto na práxis de sala de aula dos professores.

É necessário considerarmos os três elementos que constituem os gêneros textuais: o **tema**, a **composição** e o **estilo** (BAKHTIN, 2003), pois “esses três elementos – conteúdo temático (tema), estilo e construção composicional (composição) – estão indissolivelmente vinculados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Costa (2014, p. 22) sintetiza esses conceitos: a) o conteúdo temático ou tema são o que se tornam dizíveis pelo gênero (conversa, carta, palestra, entrevista, resumo, notícia ...) e não por frases ou orações; b) a composição se refere à especificidade dos textos (narrativo, argumentativo, descritivo, explicativo ou conversacional) pertencentes a ele; c) as configurações específicas das unidades de linguagem ou simplesmente estilo são os traços da posição enunciativa do locutor e os conjuntos de sequências textuais e de tipos discursivos que constituem a estrutura genérica (por exemplo, construir um texto instrucional – ensinar a jogar xadrez – é diferente de construir um texto argumentativo – defender o jogo de xadrez como atividade importante para o desenvolvimento mental).

Assim, Wachowicz (2012), seguindo a concepção bakhtiniana, define o tema como sendo todas as informações trazidas pelos interlocutores em determinada ocasião. A escolha de um gênero textual deve levar em consideração sua respectiva finalidade, os interlocutores, a situação e ao conteúdo. Cada um desses itens dimensiona a importância ideológica do receptor, podendo-se criar uma relação entre a linguagem e ação social do texto com o sujeito. Já o estilo de um gênero textual está vinculado à escolha dos elementos lexicais, das palavras, das imagens, da construção das frases, organizando-os em uma estrutura composicional, a qual, por sua vez é formada pelos procedimentos composicionais para a organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva e da relação dos participantes da comunicação discursiva.

Para apresentar de forma clara o que acabamos de explicar, apresentamos a seguir um fragmento do livro didático da coleção *Araribá Mais História* do sexto ano do Ensino Fundamental II:

Com a desintegração do Império Carolíngio no século IX, os descendentes dos antigos servidores de Carlos Magno continuaram a reproduzir em seus domínios o costume de doar terras a seus descendentes para obter ajuda administrativa e militar. Esses grandes senhores de terras firmaram alianças pessoais com outros senhores de terras, que eram reforçadas pelo juramento de fidelidade entre eles (FERNANDES, 2018, p. 208).

Classificamos este fragmento como gênero textual texto didático pertencente à esfera de atividade educacional. Temos a identificação da autora, Ana Claudia Fernandes, e de futuros interlocutores, como professores e alunos do sexto ano do ensino fundamental II. A finalidade ideológico-discursiva desse gênero textual é proporcionar aos alunos o conhecimento de conteúdos básicos da disciplina de História e do período chamado História Medieval. O funcionamento do mesmo, sob a perspectiva de dimensão verbal, aborda como conteúdo temático a formação do feudalismo, em uma estrutura composicional de uma sequência explicativa e narrativa sobre os acontecimentos históricos. Utiliza-se o estilo próprio de narrativas históricas com tempos verbais no pretérito e alguns pronomes (“seus” e “esses”) para proporcionar coesão ao texto. Esses conceitos são sintetizados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Tema, composição e estilo no gênero texto didático

| Conteúdo temático (Tema) | Surgimento e formação do feudalismo |
|--------------------------------------|---|
| Estrutura composicional (Composição) | Sequência explicativa narrativa |
| Estilo | Estilo próprio de narrativas históricas com tempos verbais no pretérito e alguns pronomes para proporcionar coesão ao texto |

Observamos a existência de uma dimensão estrutural que direciona e transmite uma mensagem veiculada a um suporte, nesse caso, os livros didáticos. Marcuschi (2008) define que os livros didáticos são “suportes textuais” de uma variedade muito grande de gêneros textuais:

particularmente o LD² (...) é um suporte que contém muitos gêneros, pois a incorporação dos gêneros textuais pelo LD não muda esses gêneros em suas identidades, embora lhe dê outra funcionalidade, fato ao qual denominei reversibilidade de função. Falo aqui em funcionalidade e não função para que se tenha claro este aspecto. Por exemplo, uma carta, um poema, uma história em quadrinhos, uma receita culinária e um conto continuam sendo isso que representam originalmente

² Marcuschi (2008) utiliza a sigla LD para se referir ao livro didático.

e não mudam pelo fato de migrarem para o interior de um LD. [...] Aspecto importante é a vasta produção de gêneros tipicamente da esfera do discurso pedagógico, tal como a explicação textual, os exercícios escolares, a redação, instruções para produção textual e muitos outros que se acham no LD. [...] Tudo indica, pois, que o LD pode ser tratado como um suporte com características muito especiais (MARCUSCHI, 2008, p. 170).

Nessa linha de pensamento, o livro didático surge como uma fonte muito rica de informações pela grande variedade de enunciados, pertencentes a inúmeras esferas de atividades humanas. Quando o docente trabalha com tais materiais, encontra nos mesmos uma diversidade de enunciados, “pois em cada livro didático há uma diversidade deles que, por sua vez, remetem a outros enunciados, pois fazem parte de cadeias enunciativas próprias nas esferas de atividade humana em que foram gerados e nas quais circulavam antes de integrarem o livro didático. (SANTANA, 2017, p. 19). Neste sentido, Sales destaca que o “livro didático deve ser pensado como material pedagógico e conseqüentemente como um material informativo que traz em seu contexto histórico representações de mundo e práticas sociais” (SALES, 2016, p. 36). Assim, acreditamos que a linguagem interage com maior possibilidade de fundamentar uma prática pedagógica que garanta a aprendizagem, desde que compreenda corretamente a mensagem de cada elemento estrutural da linguagem emitida pelos gêneros textuais. Ao articular a estrutura dos livros didáticos, em especial os de História, e com um olhar específico sobre o conteúdo de História Medieval, visualizaremos os gêneros textuais, o que por sua vez estimula a compreensão das mensagens enunciadas.

Narrativa e linguagem no livro didático no conteúdo sobre o Medievo

Gil e Almeida afirmam que “a História também tem compromisso com a formação cidadã, quando aponta caminhos para compreender que a sociedade é formada por grupos diferentes, que devem ser respeitados e compreendidos historicamente” (GIL; ALMEIDA, 2012, p. 27). Ou seja, estudar e entender a história é contribuir na formação de cidadãos críticos e reflexivos na sociedade. Em relação ao conteúdo de História na BNCC, observamos uma diversidade de possibilidades em termos de fontes e tipos de documentos:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si

mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes (BNCC, 2017, p. 398).

O trato com uma documentação vasta em termos de tipologias de fontes no ensino de História, incluindo as textuais e visuais, destaca a possibilidade de se trabalhar com diferentes gêneros textuais e a necessidade de se trabalhar com eles na formação dos alunos. Neste sentido, compreender o conteúdo de História Medieval no livro didático a partir da diversidade de gêneros textuais que o mesmo é construído é compreender melhor a potencialidade de um dos principais materiais na formação discente e presentes no ensino de História Medieval.

Em contextos anteriores, Pereira e Giacomoni (2008) apontavam que os livros didáticos veiculavam uma imagem da Idade Média a partir da crítica iluminista, ou seja, como uma “Idade das Trevas”, um período de fome, miséria, sem produção de conhecimento, além de generalizar o sistema feudal para todo o período de 1000 anos e em todo o espaço europeu, e de classificar a sociedade medieval segundo a teoria das “três ordens”, constituídas apenas de clero, nobreza e camponeses. (PEREIRA, GIACOMONI, 2008). Um pouco depois, em 2017, Pereira afirmava que o Medieval apresentado nos materiais didáticos ainda era distante das atividades realizadas pela medievalística na atualidade, ou seja, nos livros didáticos ainda se coincidia o Medieval e o Feudalismo, a ideia de que a vida urbana e comercial desapareceu com o processo de ruralização da sociedade e que, em termos sociais, o período medieval se resumia à existência de três ordens sociais, os que trabalham, os que rezam e os que guerreiam (PEREIRA, 2017, p. 176). Neste sentido, o texto escrito que compõem o livro didático é um recurso importante no ensino básico por viabilizar a assimilação e a produção de saberes, de experiências e de memórias históricas. Então, a linguagem abordada no conteúdo em relação ao Medieval nos livros didáticos de História necessita ter o cuidado de não proporcionar uma continuidade e um reforço de interpretações equivocadas sobre o período, distanciando ainda mais o contexto acadêmico do escolar.

Segundo Nilton Pereira Mullet:

A construção de uma narrativa implica criar um modo de dizer o mundo, estabelecer, pelos vazios que entremeiam os documentos, um enredo que atribui sentido ao passado. Os manuais didáticos, ao constituírem narrativas, criam significados que podem ser partilhados pelos estudantes e professores, mas também selecionam o que pode se tornar história ensinada na escola, recortando uma maneira singular de apresentar o tempo que passou às novas gerações. O elemento estético está, portanto, profundamente implicado na construção das narrativas pelos livros didáticos, uma vez que a apresentação do conhecimento histórico se dá mediante a inserção de elementos narrativos (esquemas explicativos, usos de linguagens diversas como quadrinhos ou charges, imagens, boxes, atividades...) que têm o objetivo de dar sentido à verdade

enunciada aos estudantes, que não estão acostumados com a narrativa histórica do campo acadêmico e da pesquisa. (...). Logo, não se pode pensar a verdade histórica (os recortes feitos no passado, as escolhas por determinados temas, a seleção teórica, as problematizações aos temas e as noções temporais) sem os elementos estéticos que constroem a narrativa que a apresentam (PEREIRA, 2017, p. 170-171).

Dentro desse contexto o autor destaca que:

a História disposta nos livros didáticos não é simplesmente um resultado imparcial de um passado não problematizado, ao contrário, essa narrativa é produtiva, no sentido de que constrói intervenções na vida, proposições sobre o que é a história e sobre o que é legítimo ensinar, que transitam por salas de aulas de milhares de jovens do Brasil todo. De certo que, a presunção que parece fazer parte das narrativas sobre o medievo dos livros didáticos pesquisados, de que há uma história, produto de um passado cristalizado, descrito em sua totalidade, é uma posição política sobre a história que a perspectiva que ora adotamos quer desconstruir (Idem).

A reflexão apresentada por Pereira é central para desenvolvermos este estudo. Por exemplo, devemos nos atentar aos fragmentos acima para observarmos a relação entre *forma* e *conteúdo* nos conteúdos sobre História Medieval nos livros didáticos. Neste sentido, concordando com Pereira e ampliando o debate, devemos observar não somente a narrativa produzida sobre o Medievo presente nos livros didáticos, a qual ainda apresenta questões não problematizadas em termos historiográficos assim como não proporciona um debate mais denso em termos de personagens silenciados na História, como as mulheres (*conteúdo*), mas também estar atentos à construção desta narrativa em termos de linguagem (*forma*), ou seja, como está estruturada no que diz respeito aos gêneros textuais.

Com isso, é importante que os recortes do passado não sejam retratados de modo simples, sem problematizações no ensino de História Medieval, proporcionando uma aprendizagem significativa ao corpo discente. Assim, o livro didático, além de ser um objeto de apropriação de conteúdos e valores, também pode oferecer uma oportunidade de conhecimento, “reflexão e compreensão das relações estabelecidas entre os acontecimentos, os sujeitos históricos e as coletividades no tempo” (SILVA, 2011, p. 11) e a forma pela qual esta oportunidade de conhecimento é proporcionada também deve ser observada.

Marcuschi, dentro dessa concepção, relata que os gêneros textuais estão situados nos domínios discursivos. Desse modo, toda comunicação, segundo ele, só é possível mediante a utilização de um gênero textual, no qual esse gênero estaria:

situado em algum domínio discursivo do qual lhe advém força expressiva e adequação comunicativa. Conseqüentemente, os domínios discursivos operam como enquadres globais de superordenação comunicativa subordinando práticas sócio-discursivas orais e escritas que resultam nos gêneros (MARCUSCHI, 2008, p. 194).

Destacamos que os domínios discursivos são similares às esferas de atividades humanas (jornalística – religiosa – saúde – educacional – industrial – instrucional – jurídica – publicitária – interpessoal) citadas por Bakhtin (2003). Para exemplificar, citamos o gênero texto didático, texto que tem por finalidade expor um conteúdo no intuito de que todos cheguem a mesma conclusão. Nele devem conter frases objetivas, de preferência de fácil compreensão e que guiem o leitor a uma conclusão, as quais geralmente estão inseridas no domínio discursivo educacional e no livro didático.

Machado e Cristóvão (2009), em caráter didático e voltado para o ensino de linguagem, apresentam os gêneros textuais como estruturas simbólicas disponíveis em cada sociedade, consideradas ferramentas utilizadas pelos sujeitos dominantes da linguagem. Nessa perspectiva, o professor que dominar a linguagem e os gêneros textuais terá um poder de convencimento e persuasão ao que está sendo trabalhado em sala de aula, e conseqüentemente um domínio maior do conteúdo lecionado. Portanto, entendemos que a prática e domínio da linguagem está diretamente ligada ao ensino e a aprendizagem, com a obrigatoriedade de seleção e escolha de um gênero textual apropriado, condicionada a intenção do locutor, nesse caso em específico, o professor.

Exemplo de caso

Para exemplificar abordamos alguns trechos do livro didático do sexto ano do Ensino Fundamental II mais adotado pelo programa do PNLD em 2020, *História, Sociedade & Cidadania* da editora FTD. É um livro escrito por Alfredo Boulos, Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo.

Para a nossa análise, articulamos os elementos composição, tema e estilo e sua relação com o falante/ouvinte e a Idade Média, e a observação de gêneros de outras esferas de atividades humanas nos livros didáticos.

O gênero textual escolhido para análise foi o gênero textual texto didático. De acordo Roberto e Possa (2014), o texto didático é um gênero textual que vêm com uma série de

padronizações/predefinições do sistema educacional. No caso, o livro didático é produzido de acordo com os editais do PNLD e BNCC.

O trecho recortado retrata o feudalismo na Europa:

Na Europa medieval se desenvolveu um modo de organização da política, da sociedade e da economia conhecido como feudalismo. Vejamos como isto se deu. Vimos que Carlos Magno distribuiu terras e cargos a nobres (condes, duques, marqueses) em troca de fidelidade e dependência pessoal (relação de vassalagem). Com a morte de Carlos Magno, esses vassallos do rei e seus descendentes passaram a fazer o mesmo, isto é, a doar um feudo a outro homem em troca de fidelidade e dependência pessoal; o feudo era, muitas vezes, uma grande extensão de terra, mas podia ser também um direito de cobrar impostos, receber um cargo ou uma quantia paga em dinheiro, gado ou cereais. Aquele que doava um feudo era chamado suserano ou senhor, e o que recebia era denominado vassallo. Dessa forma, por exemplo, se um duque doava um feudo a um conde, tornava-se suserano do conde e este, seu vassallo. Se o conde, por sua vez, doava parte do feudo recebido a um barão, este passava a ser seu vassallo. O conde, portanto, era, ao mesmo tempo, vassallo do duque e suserano do barão. Como muitas vezes o feudo era uma terra, aos poucos, o território da Europa ocidental foi se fragmentando. Com isso, os nobres se fortaleceram, os reis carolíngios foram perdendo poder e o feudalismo se consolidou (BOULOS JÚNIOR, 2018, p. 216).

De acordo Bakhtin, o interlocutor desempenha papel essencial na construção de um determinado gênero textual, influenciando nas escolhas estilísticas do sujeito que fala / escreve. Giraldi e Souza (2006) completam essa definição afirmando que o leitor interage com o texto atribuindo-lhe sentidos, no qual a relação texto/aluno não é algo estático em que os sentidos são apreendidos diretamente a partir do que está dito, ao contrário, o aluno, enquanto leitor, não é uma figura passiva.

Identificamos como interlocutor principal desse gênero textual os alunos do sexto ano do ensino fundamental. Com isso, o autor desse gênero textual necessita ter a sensibilidade de que os alunos do sexto ano eram acostumados, na maioria das vezes, com um único professor, e que ao chegar aos anos finais do ensino fundamental se deparam com vários educadores. Além disso, não podemos esquecer que esse texto didático só chegará aos alunos se satisfizer os professores de História, responsáveis pela escolha ou não de um determinado livro didático.

Nessa concepção observamos que a **composição** desse gênero foi pautada em uma sequência explicativa com traços descritivos. Segundo Adam (2008), a sequência explicativa parte da constatação de um conceito, o problematiza e o direciona a uma explicação, apresentando informações que respondam a questionamentos oriundos do tema abordado, levando-o a uma conclusão pelo leitor. Já a sequência descritiva consiste em nomear e colocar em evidência um todo, nesse caso, a descrição do feudalismo.

Um traço forte da sequência explicativa é a constatação das causas ou razões da afirmação inicial. No trecho recortado do livro didático é afirmado que “Na Europa medieval se desenvolveu um modo de organização da política, da sociedade e da economia conhecido como feudalismo”. E o autor desenvolve essa afirmação citando um trecho estudado anteriormente no livro didático em “Vimos que Carlos Magno distribuiu terras e cargos a nobres”. Na sequência, é explanado como surgiu o feudo, como era distribuído, como era chamado quem o doava e o quem recebia. Além de exemplificar com uma descrição o surgimento dos títulos de duque, conde e barão.

Nessa perspectiva o **tema** desse gênero textual fica bem definido pelo seu autor. Lembrando quem segundo Bronckart (2009, p. 97), o tema de um texto é “o conjunto das informações que nele são explicitamente apresentadas”. No trecho extraído do livro didático o autor apresenta ao leitor, alunos do sexto ano do ensino fundamental, de modo bem didático o que foi o Feudalismo.

Esse tema é desenvolvido através de um **estilo** de aproximação com o leitor. Isso é feito em dois momentos durante a leitura com o uso dos verbos na primeira pessoa do plural, através do uso implícito do pronome nós, nos trechos “Vejam como isto se deu” e “Vimos que Carlos Magno distribuiu terras e cargos a nobres”. Dessa forma, podemos perceber um estilo, uma característica particular do autor desse texto. Sendo assim, a estrutura desse gênero textual está alicerçada na informação didática e objetiva, visto que seu público-alvo são alunos do sexto ano do ensino fundamental II.

Considerações finais

Diante do que foi brevemente abordado nesse artigo, a linguagem utilizada no livro didático é estruturada sistematicamente através dos gêneros textuais. A linguagem é definida como mecanismo de interação nos campos de atividades desenvolvidas pelos humanos. A linguagem também proporciona a troca de mensagens entre os sujeitos. Nesse caso, a comunicação é feita com o uso de símbolos, sejam visuais, auditivos ou orais. Para ocorrer a comunicação, a linguagem se utiliza de estruturas e finalidades pré-definidas.

A linguagem textual associada ao conteúdo histórico voltado para a História Medieval, enriquece o livro didático de História. Porém, ao delimitar o conteúdo sobre o Medieval, deve-se ter um cuidado quanto ao próprio texto para não transmitir uma mensagem sem oferecer dados suficientes para uma reflexão que proporcione uma aprendizagem significativa para o aluno. Portanto, consideramos indispensável discutir mais profundamente sobre a importância da diversidade textual nos livros didáticos de história, em especial o conteúdo sobre o Medieval.

Referências

ADAM, J.-M. **A Linguística Textual: Introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.

ALBIERI, S. História pública e consciência histórica. In: **Introdução à história pública**. Juniele Rabêlo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai (Orgs.). São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 19-30.

ALMEIDA, E. F. **O discurso da apresentação dos livros didáticos: um estudo semiótico**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Gêneros do Discurso. Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BITTENCOURT, C. Em foco: história, produção e memória do livro didático. **Educação e Pesquisa**, p. 296-473, 2004.

BITTENCOURT, C. (org.). Livros didáticos entre texto e imagens. In: **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 69-90.

BOULOS JÚNIOR, A. **História, Sociedade & Cidadania**. 4ª ed. São Paulo: FTD, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: DF, 1998.
Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 16, n. 30, jan. - jun. 2022.
ISSN: 1982 -193X



BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução: Anna Rachel Machado; Tradução: Péricles Cunha. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2009.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FERNANDES, A. C. (Org.). **Projeto Araribá Mais**. 4ª. ed. São Paulo: Moderna, 2018, 6º ano.

GIL, C. Z. de V.; ALMEIDA, D. B. **Práticas pedagógicas em história: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

GIRALDI, P. M.; SOUZA, S. C. DE. O funcionamento de analogias em textos didáticos de Biologia: questões de linguagem. **Ciência & Ensino**, v. 1, n. 1, p. 9-17, 2006.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de Gêneros: Aportes e Questionamentos para o Ensino de Gêneros. In: ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Eds.). **Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais**. 1ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 123-151.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEREIRA, N. M. M.; GIACOMONI, M. P. **Possíveis Passados: representações da Idade Média no Ensino de História**. Porto Alegre: Zouk, 2008.

PEREIRA, N. M. A invenção do medievo: narrativas sobre a Idade Média nos livros didáticos de história. In: **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**. Helenice Rocha, Luis Reznik, Marcelo de Souza Magalhães (Orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2017, p. 169-184.

PINHEIRO, M. E. Desafios e perspectivas: o enfoque sobre o feminino medieval no ensino fundamental. In: VIANNA, Luciano J. (Org.). **A História Medieval entre a formação de**

professores e o ensino na Educação Básica no século XXI: experiências nacionais e internacionais. 1ª ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 19-50.

ROBERTO, T. M. G.; POSSA, A. D. **Produção de textos didáticos.** Florianópolis: IFSC, 2014.

SALES, M. H. B. M. **As produções imagéticas dos livros didáticos de História e a construção do conhecimento discente.** 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.

SANTANA, A. N. **A variação linguística no livro didático e na prática docente de Língua Portuguesa: políticas e ideologias linguísticas.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

SILVA, E. Livros didáticos e ensino de História: a Idade Média nos manuais escolares do Ensino Fundamental. **História & Ensino**, v. 17, n. 1, p. 7-31, 2011.

SOUZA, E. G. de. **Gêneros textuais na perspectiva da educação profissional.** Recife: UFPE, 2008.

WACHOWICZ, T. C. **Análise Linguística nos gêneros textuais.** 1ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2012.

WITTKE, Cleide Inês. O trabalho com o gênero textual no ensino de língua. **Caderno de Letras.** Pelotas, n. 18, p. 14-32, 2012.

Recebido em 30- 05- 2022

Reavaliado em 29 – 06 – 2022

Aprovado em 11 - 07 - 2022

Publicado em 25-07- 2022